

MARIE-JEANNE RICCOBONI (1766-1817)



Retrato de Marie-Jeanne Riccoboni.
Autor não identificado.

BIOGRAFIA

Marie-Jeanne de Heurles de Laboras nasceu em Paris, em 25 de outubro de 1713. Sua mãe se chamava Marie-Marguerite Dujac e seu pai era um burguês chamado Christophe de Heurles du Laboras, e estavam casados há 3 anos quando Marie-Jeanne nasceu. Cerca de oito meses após o nascimento, o pai de Marie-Jeanne de Laboras foi condenado por bigamia e foi obrigado pela decisão do tribunal a voltar para a primeira esposa que vivia na cidade onde ele nasceu, Troyes.

Assim, Marie-Jeanne de Laboras e sua mãe foram abandonadas. Marie-Jeanne foi levada para uma instituição religiosa onde passou a infância e boa parte da adolescência, até ser retirada de lá pela mãe aos 14 anos, por não se conformar com a decisão de ficar enclausurada. A partir de sua saída do convento, o relacionamento entre Marie-Jeanne de Laboras tornou-se bastante difícil. A mãe teria dificuldades em lidar com o fato de ter uma filha jovem e bonita que a ofuscava.

Aos 21 anos, Marie-Jeanne de Laboras casou-se com Antoine-François Riccoboni, filho de um ator e diretor bastante conhecido da Comédia Italiana, Luigi Riccoboni. O casamento não teria sido feliz, o marido era genioso, dado a mudanças bruscas de humor e às vezes violento com a esposa. Ele tinha comportamento errático, tendo desaparecido por 10 meses entre 1736 e 1737.

Por conta de seu relacionamento difícil com o marido, Marie-Jeanne Riccoboni teria criado vínculos afetivos com outros homens como, por exemplo, o conde de Maillebois, com quem viveu uma paixão sem futuro que termina com o casamento do conde com a filha de um marquês, e Robert Liston, um diplomata trinta anos mais jovem que ela, com quem teria se envolvido em 1764.

O casamento lhe trouxe, por outro lado, o convívio com artistas e intelectuais nos salões literários da época e Madame Riccoboni acabou por envolver-se em alguns projetos artísticos, como sua estreia nos palcos como atriz em 1734, como membro da trupe da Comédia Italiana. Mme. Riccoboni seguiu a carreira de atriz por cerca de 26 anos, até sua aposentadoria, em 1760.

Ela mesma confessa, em cartas a conhecidos, que sente não levar jeito para a comédia, e a crítica teatral da época confirma este sentimento, referindo-se à ela como uma atriz fria. Em correspondências, ela revela que ofereceram a ela uma vaga na *Comédie Française* e que ela mesma se sentia mais disposta a atuar em tragédias em

lugar de atuar em comédias, mas seu marido sempre se opôs a isso. Após sua morte, Denis Diderot referiu-se à ela como “uma das piores atrizes de seu tempo” em sua obra “Paradoxo sobre o comediante”. Diderot afirma nesta obra que ninguém falava de arte melhor do que ela, mas também ninguém a produzia tão mal.

Mesmo não sendo considerada uma atriz brilhante, sua carreira no teatro foi significativamente longa, mas foi sua escrita que a tornou célebre e lhe garantiu papel de destaque entre as escritoras do século XVIII. A convivência com grandes escritores nos salões literários do Barão de Holbach e do filósofo e poeta Claude-Adrien Helvétius fez com que Mme Riccoboni iniciasse sua própria carreira como mulher de letras. O contato com filósofos como David Hume e Adam Smith despertou em Mme Riccoboni o interesse pela filosofia, que logo desapareceu, já que a autora sentia que os debates filosóficos nos salões eram violentos e partidários, e confessou em algumas cartas que considerava os filósofos tão sectários quanto os religiosos que atacavam.

Madame Riccoboni voltou-se então para a escrita ficcional, que se deu na forma de romances, de alguns epistolares, de sequências e adaptações. As críticas ao seu trabalho literário foram muito diferentes daquelas ao seu trabalho no teatro, suas obras lhe renderam sucesso quase que imediato e mesmo Diderot, que a considerava uma péssima atriz, mostrou sua estima pela sua escrita dizendo que ela escrevia “como um anjo, com uma naturalidade, uma pureza, uma sensibilidade, uma elegância, que não se poderia admirar mais”.

Sua obra de estreia foi o romance epistolar *Lettres de Fanny Butler*, que é frequentemente considerada um romance epistolar autobiográfico que relata indiretamente seu romance com o Conde de Maillebois. Madame Riccoboni produziu dez romances, cinco novelas e uma peça de teatro, esta em colaboração com seu marido, além de cinco traduções para o francês de cinco peças de teatro inglesas, de David Garrick, George Colman e outros dramaturgos ingleses. Sua obra mais célebre é *Histoire d’Ernestine*, publicada em 1762.

Um traço bastante característico de Madame Riccoboni é que a autora produzia romances sentimentais que ao mesmo tempo fazem reflexões importantes sobre o lugar do homem e da mulher na sociedade. Através de acontecimentos dramáticos na vida dos personagens, ela mostra que o homem e a mulher não são tratados da mesma maneira e não tem os mesmos direitos.

Embora seu relacionamento com a mãe não fosse bom, Madame Riccoboni a acolheu e cuidou dela até seu falecimento, em 1769, assim como fez com o marido, que

faleceu em 1772, apesar de ter estado separada dele desde 1755. Durante todo este período, sua produção literária foi bastante intensa e a autora atingiu bastante sucesso, embora algumas de suas obras tenham sido publicadas sob o pseudônimo Adélaïde de Varançai e também publicadas como se fossem traduções do inglês.

Após a separação do marido, a renda da autora provinha de uma pensão recebida da corte francesa, pensão que foi suprimida na ocasião da Revolução Francesa. Madame Riccoboni morre no dia 7 de dezembro de 1792, na miséria, nos braços da amiga Thérèse Biancolelli que tornou-se a herdeira dos poucos bens que ainda lhe restavam.

2 OBRAS DA AUTORA

Romans et nouvelles

Lettres de Fanny Butler, 1757.

L'Histoire du marquis de Cressy, 1758.

Lettres de Milady Juliette Catesby à Milady Henriette Campley, son amie, 1759.

La Vie de Marianne / La Suite de Marianne, 1761.

Histoire d'Ernestine, 1762.

Amélie : sujet tiré de Mr Fielding, 1762.

Histoire de Miss Jenny, 1764.

Histoire des amours de Gertrude, dame de Château-Brillant et de Roger, comte de Montfort, 1780

Lettres d'Adélaïde de Dammartin, comtesse de Sancerre, au comte de Nancé, son ami, 1767.

Lettres de Sophie de Vallière, 1770.

Lettres de Mylord Rivers à Sir Charles Cardigan, 1777.

Histoire d'Aloïse de Livarot, 1780.

Trois histoires amoureuses et chevaleresques, 1780

Histoire de deux amies, 1786.

Pièce de théâtre (collaboration avec Antoine-François Riccoboni):

Les Caquets, 1761.